

Sobrevivência da “Matéria de Bretanha” na literatura galega do século XX. *Na noite estrelecida*, de Ramón Cabanillas, e *Amor de Artur*, de X. L. Méndez Ferrín¹

LAURA TATO FONTAÍÑA
Universidade da Coruña
(Galiza) Espanha

A reivindicação do celtismo como base da essência do povo galego é uma questão cuja origem reside no próprio nascimento do galeguismo no século XIX. Na sua concepção da História, Manuel Murguía (1833-1923) partia da existência de um tronco germânico ou indo-europeu e “da raça como determinante principal de etnicidade”², considerando que a verdadeira história da Galiza começava com a chegada dos celtas. Esta ideia foi retomada, no nacionalismo nas primeiras décadas do século XX, por Vicente Risco (1884-1963), autor da *Teoría do nazonalismo galego*.

Seguindo o legado de Murguía, Risco desenvolveu uma “prehistoria en clave de oposición entre o espírito latino e o céltico-xermánico ou, noutras palabras, como mediterraneísmo versus atlantismo”³. Neste sentido, apresentou uma visão negativa do espírito latino e uma visão positiva e dinâmica do espírito celta. A manifestação mais antiga do celtismo é o druidismo, que Risco considerava como sendo próximo do induísmo e do orfismo. Também defendeu que, embora o Império Romano tenha conseguido conquistar os celtas, estes retiraram-se e refugiaram-se nas Ilhas Britânicas para dali ressurgirem, na Idade Média, e oferecerem à civilização ocidental o conceito de cavalaria:

Porén, o Druidismo conservárase nas Illas Británicas, e na Edá Media tivo a sua expresión na poesía dos Bardos. As loitas de defensa contr’os anglo-saxóns, deron nacemento á grande epopeia da Táboa Redonda que traguía dentro un novo espírito celto-cristián, que pol-o século XII principia a s’espallar pol-a Europa. Gaña Francia, Galizia e Portugal, y-a fis da Edá Media tiña xa transformada por comrepto á ruda sociedade feudal, que os xermanos tiñan posto en lugar da sociedade burocrático-militar dos romanos. Era o espírito cabaleiresco, unha conceución da vida na que ainda non afondaron bén os pensadores, e que enche as leendas do Rei Artús e do noso Santo Graal [...] Ás ideas cabaleirescas debe Europa a noción de honra e mais do respeito á personalidade do home. Toda-las ideas modernas veñen d’ehi⁴.

1 Este trabalho faz parte do Projeto de Pesquisa FFI2009-08619, subsidiado pelo Ministério de Ciência e Inovação do Governo de Espanha.

2 Cf. Xusto Beramendi, *De Provincia a Nación. Historia do Galeguismo Político*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 2007, p. 175.

3 Cf. *Idem*, p. 479.

4 Cf. Vicente Risco, “Galicia Céltiga. A Don Manuel Murguía respetosamente”, *Nós*, 3, 1920, pp. 5-14.

Risco acreditava que a civilização europeia que tinha nascido no Mediterrâneo estava esgotada e que a força vital que salvaria a velha Europa estava na civilização Atlântica, nas sete nações celtas: as Terras Altas da Escócia, a ilha de Man, a Irlanda, o País de Gales, a Cornualha, a Bretanha e a Galiza.

Isto, levado ao plano cultural, significava que os alicerces da identidade galega e da sua produção artística radicavam no contexto pré-romano, e é assim que Ramón Otero Pedrayo (1888-1976), no *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega*, publicado em 1930, dedica o primeiro capítulo, intitulado “Fondo étnico”, aos celtas: “na zona íntima, intraducible e libre do pobo galego, latexa a conciencia celta, prerromana, a que corre desde as orixes baixo tódalas formas externas e seguirá correndo no futuro”⁵. Otero Pedrayo considerava que a conquista romana tinha tido como consequência o afastamento da Galiza dos restantes povos celtas, aos quais não tinha sido restituída até ao Romantismo do século XIX. E assim declarava: “A maior gloria de César non foi a de someteren nove anos e con doce lexións á paz Romana as heroicas cidades e as assembleas dos pobos Galos, senón o de vencer – relativamente – o terror encerrado nos bosques druídicos e nos augurios das profetisas do mar”⁶.

Neste contexto ideológico, para o recém-nascido nacionalismo, foi importante a recuperação para a moderna cultura galega de toda a produção literária relacionada com esse passado atlântico, e nada melhor para este efeito do que oferecer uma versão atualizada da Matéria da Bretanha. Foi assim que, a pedido de Enrique Peinador, proprietário dum bonito e famoso balneário da época, Ramón Cabanillas (1876-1959) escreveu uma pequena epopeia na qual condensava o essencial das lendas arturianas. O volume foi intitulado *Na noite estrelecida* e saiu do prelo em 1926. A razão por que os nacionalistas escolheram Cabanillas para recuperar a Matéria da Bretanha deveu-se a uma questão de prestígio. Naquela altura, Cabanillas tinha percorrido uma longa trajetória como escritor, era autor de vários livros de poesia e de duas peças dramáticas, e a sua defesa do país em obras como *Da terra asoballada* (1917), assim como o reconhecimento de que gozava tanto dentro da Galiza como fora desta, fizeram de Cabanillas merecedor do apelido de “Poeta da Raza”, com o qual era saudado pela imprensa e pela crítica.

Na década de 1920, a versão das lendas arturianas que Cabanillas podia conhecer não era a dos textos galego-portugueses, mas sim a que lhe chegava através da obra operística de Richard Wagner, sobretudo de *Parsifal*, e através dos romances de cavalaria publicados em Madrid no início do século XX por Adolfo Bonilla⁷. Porém, quando Vicente Risco escreve a resenha para a revista *Nós*, insiste no muito que o poeta se documentou sobre a literatura popular galesa e bretã, tanto de tradição oral como escrita: “O Cabanillas ten feito un estudo especial dos libros de Cabaleirías, adornouse do seu espírito e adiviñou através d’iles o esoterismo celta. Levou moito tempo lendo e seguindo o fío das leendas galesas e armoricanas, pol-as literaturas adiante. E sacou estas sagas nórdicas, ond’a ispiracion chega moitas vegadas ô profético”⁸.

O poeta sintetiza a história do Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda em três poemas épico-líricos, que denomina *sagas*⁹: “A Espada Excalibur”, “O Cavaleiro do Santo Graal” e “O Sono do Rei Artur”. A narrativa começa na noite de Natal na catedral de Caerleon (cidade na qual Godofredo de Monmouth situa a coroação de Artur), no sul de Gales, embora o templo descrito pelo poeta seja a catedral de Santiago de Compostela. Aí, Merlim conta à congregação de fiéis a forma como recuperou a espada Excalibur que estava numa gruta da Ilha de Sálvora e como deverá ser aclamado e coroado rei

5 Cf. Ramón Otero Pedrayo, *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega*, 4. ed., Vigo, Galaxia, 1982, p. 20.

6 Cf. *Idem*, p. 19.

7 V. Adolfo Bonilla e Sanmartín, *Libros de Caballerías I y II*, Madrid, Bailly/Bailliérey Hijos, 1908.

8 Cf. V.R., “*Na Noite Estrelecida*, por Ramón Cabanillas”, *Nós*, 29, 1926, pp. 19-20.

9 Na sua definição mais tradicional, as *sagas* designavam relatos em prosa da tradição popular e oral dos países do norte da Europa. Na altura em que Cabanillas escreve, o termo *saga* referia-se às “histórias” das culturas atlânticas.

o varão capaz de a empunhar. Artur é coroado rei dos celtas e nesse mesmo instante conhece Genebra, a quem Cabanillas dá o nome galês: Guanhumara. O papel da rainha na história arturiana é liquidado por Cabanillas em oito versos:

Non darán fror tres veces as campías de Tura
sin que o trono se vexa anegado en tristuras;
que a vegada de loito e dolor se aveciña
en que o Rei ten de alzada por señora e rafiña,
e, cinguida a coroa por soberbia arelada,
a pureza do leito ten de ser enlixada
da treición de Medraldo, a serpe pezoñenta
que no furo sombrizo do seu peito adormenta.

Como se pode ver, o poeta não segue a versão mais extensa de origem românica, que consagrou os amores adúlteros da rainha Genebra com o melhor dos cavaleiros da Távola Redonda, Lancelote do Lago, mas recupera a versão que Godofredo de Monmouth refere na *Historia Regum Britanniae*: o leito real foi desonrado pelo sobrinho/filho do próprio Rei Artur, Mordered (Medraldo, na saga galega).

A segunda saga, “O Cavaleiro do Santo Graal”, começa de novo na noite de Natal, no castelo do Rei Artur que, acompanhado pelos cavaleiros Gundemaz e Percival, recebe Galahad, o Esperado, para dar início à Demanda do Santo Graal. Galahad será o protagonista desta segunda saga: recusa receber as armas que lhe são oferecidas por Artur, uma vez que pretende consegui-las por si mesmo e, para isso, terá que superar três provas. O processo de iniciação de Galahad começa com uma viagem numa misteriosa barca que leva o herói até a costa galega, lugar onde conseguirá, vinda diretamente do céu, a sua espada. O escudo é conseguido após a vitória na luta contra a Besta Ladrador, e depois de subir pelo curso do rio Minho, uma *lúmia* encarregada de lhe calçar as esporas tenta-o com sua beleza fascinante. Superadas as três provas, o cavaleiro chega no dia de Sexta-feira Santa à capela do monte Cebreiro-Monsalvat, onde o Grial exhibirá todo o seu esplendor numa figura que o escudo da Galiza reproduz.

A terceira saga tem como título “O sono de Rei Artur”. Galahad regressa do Cebreiro a Camelot para anunciar o fim da Demanda e, nos olhos do cavaleiro, o Rei Artur encontra a imagem do Graal:

¡Galahad, docemente, diante o Rei axoella
e lle amostra dos ollos a esmeralda onde espella
crara, fúlxida, viva, con ardor de luceiro,
a visión miragrosa do día do Cebreiro:
o cáliz que lampexa fulgor de eternidade
e a pomba renascente da diviña Saudade!

Será Galahad a acompanhar o Rei Artur até a praia, lugar onde chega a embarcação conduzida por cisnes negros que, depois de uma travessia de três dias e três noites, depositará o corpo do rei numa gruta, na qual fica escrito: ESPERAI!

Para construir a sua Matéria da Bretanha, Cabanillas combinou elementos retirados da tradição culta, elementos retirados de lendas galesas, bretãs e irlandesas e lendas e mitos da tradição popular galega. O primeiro passo deste processo de aproximação foi dado com a localização do lugar de origem da espada de Artur numa das ilhas galegas, concretamente naquela onde acaba a ria de Arousa. Esta aproximação geográfica fica completa com a descrição que o poeta realiza da catedral de Caerleon, na

qual tem lugar a prova com a Excalibur e a coroação de Artur, pois o templo descrito não é senão a catedral de Santiago de Compostela.

Os cavaleiros que acompanham Artur na altura em que a Demanda começa, na segunda saga, vêm do *Parsifal* de Richard Wagner: Gurnemanz (Gundemaz, em Cabanillas) e Parsifal; e também é tomado à ópera de Wagner o nome do monte onde está guardado o Graal: Monsalvat / Cebreiro-Monsalvat. Deste modo, o poeta galego situou o Graal num lugar no qual, segundo conta uma lenda popular, existe um vaso sagrado capaz de produzir o milagre da transubstanciação da carne e do sangue de Jesus Cristo. A lenda conta que o conde de Aurillac, Giraldo, mandou construir no ponto mais alto do Cebreiro, perto de Pedrafitas (Lugo), um hospital e uma igreja para conforto dos peregrinos que iam a Santiago; nesse esquecido lugar, por volta do ano de 1300, e para castigar a falta de fé de um padre, o cálice com o qual oficiava a missa produziu a transubstanciação, provocando a morte instantânea do descrente.

Quanto aos antropônimos e topônimos, Cabanillas utiliza por vezes como fonte os romances publicados por Adolfo Bonilla, mas noutras recorre à obra do poeta galego do século XIX Eduardo Pondal, conhecido como “O Bardo”. Pondal fez uma pessoalíssima interpretação da obra do poeta escocês James Macpherson, e Cabanillas reproduz ambos: Ossian, Fingal e Brásidas são heróis presentes nas suas sagas. A homenagem a Pondal não se limita ao empréstimo de nomes de heróis ou de topônimos, mas incide também sobre a visão profética e cívica que Pondal tinha do bardo e da sua missão; assim, Merlim foi apresentado, na primeira saga, como “bardo adiviño”, “bardo druídico”, “bardo das idades” e ainda “profeta celta”. Lembremos que Vicente Risco relacionava o druidismo com o induísmo, religião da sua preferência nesta altura.

No processo de iniciação de Galahad, ao estabelecer as provas que o herói deve superar para conseguir as armas com as quais a Demanda alcançará seu fim, Ramón Cabanillas instala-se no mundo das lendas tradicionais galegas. Na primeira prova, Galahad viaja num misterioso barco que o transporta para as praias da Galiza. Como país atlântico, as embarcações constituem um elemento fundamental nas lendas que estão na base dos centros de peregrinação mais importantes da geografia galega: o corpo do Apóstolo Santiago terá chegado, vindo da Terra Santa, à desembocadura do rio Ulla, numa barca trazida pelos seus seguidores, mas há também no mundo mítico galego embarcações de pedra como as que terão conduzido a Virgem da Barca (patrona dos marinheiros) à Costa da Morte, em Muxia, e ao Apóstolo Santo André de Teixido às falésias do cabo Ortegal. A associação deste tipo de lendas ao culto lítico ainda sobrevive atualmente, já que, segundo a crença popular, os restos dessas barcas de pedra ficam no lugar em que atracaram e mantêm propriedades mágicas: “A pedra de abalar, que só abala cando vai vir un ano de prosperidade, a pedra dos cadrís que alivia esta parte do corpo a quen se arrime a ela ou a pedra da cabeza, onde se calman as xaquecas introducindo a cabeza nunha cavidade que ten a forma dun cranio”¹⁰.

Na segunda prova, com a qual conseguirá o escudo, Galahad deve lutar contra a Besta Ladrador, monstro conhecido também na *Demanda do Santo Grial* galego-portuguesa. Ramón Cabanillas descreve a Besta com os atributos de dois animais míticos galegos: o lobo e a serpente. Ao primeiro destes, a mitologia galega chega a atribuir poderes psicológicos, e dele procedem dois seres do Além tão poderosos e temidos como o *lobisomem* e o *lubicão*. O poder e a maravilha destes seres do além-mundo radicam no fato de contarem ao mesmo tempo com poderes diabólicos e com elementos antropomórficos.

Por seu lado, a tradição mítica da serpente, ligada ao culto solar, parece que remonta aos petróglifos do período Megalítico. Estas gravuras rupestres localizam-se por toda a geografia galega. A serpente, além disso, é um motivo constante na cerâmica castreja, para além de ser a responsável, em muitas lendas

10 Cf. R. Vizcaya F. A. Vidal, *Dos Fastos ós Festexos. Dos Antigos Mitos á Relixiosidade Galega*, Noia (A Coruña), Editorial Toxosoutos, 2009, p. 169.

populares, por guardar e defender vários tesouros. É este tipo de lenda que Ramón Cabanillas reescreve na primeira das sagas, quando Merlim recupera a espada Excalibur de uma gruta na Ilha de Sálvora, na qual permanecia guardada por um dragão e uma águia. A antropologia da época referia que as lendas de serpentes mantinham vivos, em todo o território, os elementos intervenientes no mito recolhido por Plínio sobre o ovo druídico¹¹. O sábio latino relatava, no libro IX da sua *História Natural*, a singularidade de um ovo de serpente que o próprio viu e em cujas propriedades não acreditava:

As serpentes, enroscadas em grande número num complicado abraço, formam-no [um ovo] com a saliva da garganta e a espuma do corpo; chama-se *urino*. Os druidas dizem que as serpentes o lançam para as alturas com a força dos silvos e que é preciso agarrá-lo com uma manta, para evitar que chegue a tocar na terra; e que quem dele se apoderar deve fugir a cavalo, pois as serpentes perseguem-no, até se serem impedidas pelo aparecimento de um rio; acrescentam por último que a prova da sua autenticidade é que consiga flutuar contra a corrente, mesmo envolvido em ouro [...] sustêm que é preciso apanhar este ovo numa lua determinada. [...] Os druidas louvam a sua extraordinária eficácia para conseguir a obtenção de vitórias nos processos e para ter acesso aos soberanos¹².

Por outro lado, de entre as restantes lendas que situavam em ilhas esses tesouros escondidos, chegou ao século XXI a que se atribui à ilha de Ons, na qual termina a ria de Pontevedra. O conto contemporâneo, recolhido por González Reboredo, narra o seguinte:

O veciño de 75 anos Xosé López García contoume que, estando de soldado en África, soubo que un mariñeiro da Arousa escoitou a un mouro falar de tesouros, achegouse a el e o mouro díxolle en segredo que na illa de Ons había unha fonte chea de caracoliños de ouro. Cando voltou cumprido [do Servizo militar], o mariñeiro aproveitou unha mañá que voltaba de pescar para facer recalada na illa, e procurou a fonte. Encontrouna no lugar mesmo que o mouro dixera¹³.

Retomando o processo iniciático e as provas de Galahad, na terceira destas o herói deve superar a tentação da luxúria, pecado que deixara fora de combate vários bons cavaleiros. Ramón Cabanillas faz encarnar a diabólica figura feminina que deve destruir a castidade do Eleito numa *lumia*, ser mitológico da tradição galega, de beleza extraordinária e com poderes maléficos que, qual vampiro, chupava o sangue dos homens que caíam na sua armadilha. A *lumia* pode ser considerada como a versão bela e literária da popular *bruxa chupona*.

Ramón Cabanillas criou uma narrativa épica na qual domina o tom lírico e onde o Modernismo e o Saudosismo estão ao serviço do mito arturiano. A sua fórmula, herdada do pensamento das Irmandades da Fala e que consistiu na fusão de tradição culta e tradição popular, obteve um enorme êxito literário e conseguiu reintegrar a Matéria da Bretanha na literatura galega contemporânea. Na década de 1930, o conhecimento da lírica medieval galego-portuguesa por parte da geração mais nova facilitou a emergência do movimento poético que conhecemos como Neotrobadorismo e que constitui a mais original das vanguardas galegas.

Quanto à própria Matéria de Bretanha, voltou à vida depois do silêncio de mais de vinte anos imposto pela sublevação fascista de 1936 e pela ditadura do General Francisco Franco. Álvaro Cunqueiro,

11 Cf. Ramón Otero Pedrayo (dir.), *Historia de Galicia*, Buenos Aires, Ediciones Galicia del Centro Gallego, 1973, p. 487.

12 Cf. Plínio, *Historia Natural*, 2. ed. de J. Cantó, I. Gómez Santamaría, S. González Marín y E. Tarrío, Madrid, Cátedra, 2007, pp. 586-587.

13 Cf. X. M. González Reboredo (cord.), *Galicia. Antropoloxía. Imaxinario. Literatura Popular*. XXVIII, A Coruña, Hércules de Ediciones, 2000, p. 148.

poeta neotrobadoresco durante os anos da II República (1931-36), reinicia a edição da narrativa galega com a publicação do extraordinário volume intitulado *Merlín e Familia* (1958). Nesta original recriação literária, Cunqueiro retoma algumas das personagens arturianas, situadas na Galiza, criando, assim, um pessoalíssimo “realismo mágico” no qual o popular e o culto voltam a caminhar de mãos dadas.

Com a geração seguinte, integrada por escritores e escritoras que se dão a conhecer durante a ditadura, a Matéria de Bretanha volta a ser utilizada como referente na sua dimensão mais culta. Xosé Luís Méndez Ferrín também considera que a cultura castreja, chamada de celta ou de qualquer outra forma, constitui a base da nação galega e manifesta-o da seguinte forma:

A Galicia que vivimos nós véxoa procedente, de forma directa, do mundo que se deu en chamar castrexo. ¿Que é iso? É a sociedade galega tal como está constituída nos intres xustamente anteriores á invasión romana. Esta Galicia constitúe unha unidade, unha unidade de cultura material, que vén coincidindo co macizo Galaico-Duriense. Ten os seus límites no mar, por unha banda, e por outra, na liña polo leste do Navia e das montañas de León; limita ao sueste con Bragança, continúa no Miño portugués e no actual Portugal e sobrepasa o río Douro no territorio que chamamos Beira Alta. Aínda hoxe é o límite do canastro, tal e como nós o entendemos, pese a que haxa canastros deica o País Vasco e lugares de Europa oriental. É o límite, salvo o caso de Portugal, do galego, do viño fronte á sidra, da cultura dos castros, da nosa cultura de tradición popular, das lendas da Santa Compañía, das meigas, en determinada maneira, pero sobre todo do que é o mundo dos tesouros, do ouro castrexo, da trabe de ouro, da trabe de alcatrán, das pitiñas de ouro, das mouras. Ese espazo é o da Gallaecia. [...] Eu considero que a nosa nación procede dese mundo, do mundo castrexo, que se distingue de todo o que nos arrodea¹⁴.

No início da sua carreira como escritor, na escuridão da ditadura franquista da década de 1950, Méndez Ferrín olhou para trás, para a matéria artúrica, à procura de ar fresco para a literatura galega:

Paseaba cuns meus amigos de antano, que non me deixarán mentir, polo laberinto máxico da Ferradura e planeábamos roteiros pra a literatura galega, coma ousados. Un capote chumbizo esbaraba polo lombo do Pedroso e tripabamos mesturas envisgadas de follato e lama tenra. Súpeto sentín que alguén coma Percival podería, valente, furar as murallas de néboa e asoballamento doorosísimo que nos levaba á contemplación vexetal de tardes mortas e longuísimas. Eran tempos de nada, miserentos. Sentínme dono de algo e escribín *Percival e outras historias*¹⁵.

O volume *Percival e Outras Histórias* foi publicado em 1958 e, na novela que dá título à coleção, um Ferrín de vinte anos voltava à Matéria da Bretanha com a figura do cavaleiro que, na versão não galega da Matéria, conseguira completar a Demanda. O Percival ferriniano vivia três aventuras na floresta, nas quais nem sequer faltava um monstro, o *leónlobisco*, nem a denúncia da submissão ao poder. Além disso, as referências ao mundo celta são uma constante no universo literário do escritor, sendo que em 1982 publicou a mais bela recriação do mundo arturiano, *Amor de Artur*.

Amor de Artur é uma novela estruturada em dez sequências e com um narrador tradicional, onisciente, que relata a desesperada aventura de Rei Artur em busca da verdade escondida na paixão de Genebra e Lancelote. Começa com a ira e a dor de Artur pela traição da sua amada esposa com o melhor dos cavaleiros. Incapaz de entender como puderam fazer tal coisa, Rei Artur cavalga desde o mosteiro no qual tem reclusa a rainha até ao castelo de Merlim, para que este lhe explique as razões do ódio de-

14 Cf. Xosé Manuel del Caño, *Conversas con Méndez Ferrín. Historia, Literatura, Nación*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 2005, pp. 11-12.

15 Cf. Xosé Luís Méndez Ferrín, “Avisos da 1ª edición”, In: *Elipsis e Outras Sombras*, 2. ed., Vigo, Galaxia, 1983, pp. 7-8.

monstrado por Genebra e do amor entre esta e Lancelote do Lago. No entanto, o mago evita o encontro, para se manifestar na sequência central, durante o sono de Artur e enviá-lo a Taguen-Ata à procura do encantador Roebek que, depois de engendrar um enigma, envia Artur ao encontro de Liliana, a esposa secreta de Lancelote. Depois de se deitar com Liliana, o Rei compreende a verdade profunda dos amores adúlteros: “Os ollos de Liliana son os ollos de Guenebra e Liliana era como Guenebra porque ambas amaban a Lanzarote e Lanzarote amaba a ambas e a través de Lanzarote circulaban linfas de identidade escura e rutilante. Todos amaban a Artur no seu deliquio [...] e aquela noite Liliana concebiu a Galaad, fillo de Artur e non de Lanzarote, por amor mesmo de Lanzarote.”

E assim, Méndez Ferrín reescreve a lenda do Graal, porque o cavaleiro puro e perfeito que vai cumprir a Demanda, Galaad, não será filho de Lancelote do Lago, mas sim do Rei Artur. Este é o mais belo momento e a finalidade última da história: apresentar uma nova interpretação do mistério da Demanda.

No decorrer da frenética empresa que conduz o monarca da torre da Dorosa Garda ao mosteiro de Dodro Vello, e deste ao castelo de Francastel, para seguir até à cidade de Conarán e acabar no castelo da filha do Rei Pescador, o Rei Artur percorre uma geografia que enlaça e identifica a Galiza com a Irlanda, alternando topónimos irlandeses e galegos. A rainha Genebra permanece encerrada no mosteiro de Dodro, município da zona de Santiago de Compostela, no qual se conservam restos rupestres, e tanto Francastel, residência de Merlim, como a cidade de Conarán, residência de Roebek, reproduzem topónimos da Irlanda. Mas para chegar de uma até outra, Artur tem que pernoitar no lago Espadanedo, topónimo localizado de novo na Galiza, embora nesta ocasião na província de Ourense.

Porém, mais interessante do que essa geografia atlântica repleta de névoas e pedras, de fragas e fontes, é o percurso realizado pelas lendas e mitos retirados de todas as terras nas quais os celtas, ou seja qual for o nome que lhes dermos, habitaram. Assim, reproduz em galês o nome de Percival, Peredur, e o da rainha em todas as variantes, Guenebra, Gwenhwyfar, Guenièvre... E recupera animais míticos irlandeses, como o bando de cisnes que indica a Artur que deve deter a sua empresa. O cisne é um animal mágico nas lendas irlandesas porque em cisnes foram transformados os quatro filhos do rei Lir, que não recuperariam a sua forma humana enquanto não chegasse à ilha São Patrício, daí a razão de ser proibido matar estas aves. Na lenda arturiana, são os cisnes negros que transportam o corpo ferido do Rei Artur a Avalón. Por obra de Eduardo Pondal, na tradição literária galega o cisne é a ave que simboliza o Bardo.

Méndez Ferrín substitui as cristãs noites de Natal e de Sexta-feira Santa, que Ramón Cabanillas utilizou nas suas sagas, pela derradeira noite do ano, a popular noite de São Silvestre na qual são abertas as tumbas e os defuntos regressam a este mundo: “Esta noite do trinta e un é a noite das meigas e dos aquellarres, cando as bruxas se reúnen en lugares emblemáticos, tal a afamada praia de Areas Grosas, en Cangas... É a noite propicia para facer augurios e botar sortes, co fin de adiviñar o futuro”¹⁶.

Além de ser propícia para as profecias, nessa noite mágica em que as bruxas convocam o demônio, Méndez Ferrín recupera a Santa Companha, procissão de almas que abandonam o além-mundo para passearem por este e visitarem os vivos. No imaginário mítico galego talvez esta seja a crença mais original e arraigada; consiste numa procissão de *ánimas*¹⁷, que em determinadas ocasiões percorre os caminhos e chega a anunciar a chegada da morte. Ferrín inclui nela a Dagda, que na lenda dos filhos de Lir aparece como um grande druida, a lutar contra Lugh, deus celta da floresta, ligado ao culto ao sol na

16 Cf. R. Vizcaya & R. B. Vidal, *op. cit.*, p. 40.

17 Numa perspectiva antropológica, a condição ou estatuto de “ánima” era alcançada pelos defuntos por causa da “memória” de familiares e amigos, ocupando um lugar intermédio entre a vida e a morte. Na tradição popular mais recente são consideradas “ánimas” todas as almas que ficam no Purgatório, do qual podem voltar ao mundo para cumprir “deberes esquecidos ou atencións non prestadas” Cf. Xosé Chao Rego, “Entre o Loito e a Loita. Morrer en Galicia”. In: Xosé Manuel González Reboredo (coord.), *op. cit.*, p. 107.

sua condição de lanceiro e arqueiro¹⁸. O druida vence o deus na batalha por conseguir chefiar esta Santa Companhia que vai sair ao encontro do rei Artur.

Este romance foi uma das obras mais reeditadas de Xosé Luís Méndez Ferrín e obteve uma tal repercussão entre os escritores mais novos que, em alguns manuais, quando os estudiosos classificam a narrativa das últimas décadas do século XX, chegam a considerar que com *Amor de Artur* se deu início a uma linha temática que denominam de “narrativa artúrica”¹⁹ e dentro da qual se poderiam citar romances como *Galvan en Saor*, de Darío Xoan Cabana.

RESUMO: A temática da Matéria de Bretanha sobreviveu à Idade Média no *idearium* do povo galego, tanto a nível popular como a nível culto. A velha Matéria tinha os elementos necessários para ser atraente aos olhos do primeiro nacionalismo: extraordinária beleza, profunda religiosidade e caráter messiânico, ao mesmo tempo que permitia uma apropriação de caráter político. Assim nasceu o livro de poemas *Na Noite Estrelecida* (1926), de Ramón Cabanilhas. O caráter político desapareceu por completo nas primeiras décadas da recuperação literária posterior à Guerra de 1936, e desta vez, com um caráter exclusivamente cultural e literário, esta matéria foi recuperada por Méndez Ferrín no extraordinário romance *Amor de Artur* (1982).

Palavras-chave: literatura galega – narrativa – poesia – “Materia de Breaña”.

ABSTRACT: The subject of *Matter of Britain* has managed to survive the Middle Ages in the imagination of Galician people, both at popular and high cultural levels. The ancient *Matéria* possessed all the fundamental elements to become attractive in the context of the first nationalism: great beauty, deep religiosity and a messianic character, all allowing for political appropriation. This is how the Ramón Cabanilhas book of poems *Na Noite Estrelecida* (1926) came to life. The political aspects were all gone in the first decades of the literary revival after the War of 1936, and, this time, with an exclusive cultural and literary focus, this *matéria* was brought back by Méndez Ferrín in his amazing novel *Amor de Artur* (1982).

Key-words: galician literature – narrative – poetry – “Materia de Breaña”.

18 V. Ramón Otero Pedrayo (dir.), *Historia... op. cit.*

19 V. Xosé M. Eyré, “A Narrativa Actual”, In: AA. VV., *Historia da Literatura Galega*, Vigo, A Nosa Terra/AS-PG, 1998, vol. 5, pp. 1537-1568.